

Parque do Abaeté está com o cenário alterado

A descaracterização está tomando conta de todo o Parque Ecológico do Abaeté. As invasões que crescem a cada dia alteram o cenário do local, contribuindo também para a devastação das dunas, e a vegetação está seriamente comprometida pelas queimadas. Integrantes do Grupo Nativo de Itapua apontam as velas usadas por adeptos do candomblé como as causas dos incêndios na área, a exemplo do ocorrido há oito dias. Além disso, água da Lagoa do Abaeté, antes escura e misteriosa, está diminuindo de volume e ficando verde.

O Grupo Nativo de Itapua voltou ontem a denunciar a destruição do Parque Ecológico do Abaeté. O último incêndio no local destruiu cerca de 1.200 metros quadrados de vegetação nativa, informa o presidente do grupo, Antônio Conceição Reis. Ele conta que a vegetação está sempre ameaçada pelas velas utilizadas por adeptos do candomblé, que residem em Itapua, e por outros vindos de vários locais da cidade. "Abaeté é um santuário. Já pedimos várias vezes para que as pessoas coloquem areia em volta da vela, impedindo que o fogo se alastre", diz.

Água verde — O incêndio, que destruiu mudas e árvores nativas plantadas em junho, no Dia Mundial do Meio Ambiente, não é preocupação

recente e nem a única. Enquanto as cinzas se destacam no meio da vegetação, a água da lagoa vai mudando de cor: está ficando verde. Segundo Antônio Conceição, todos os anos a prefeitura coloca cloro na água. "Acho que colocaram muito desta vez. E a lagoa não precisa disso. Aqui as coisas são naturais".

Antônio Conceição aponta outros problemas e afirma ser a favor do fechamento de toda a área do Parque do Abaeté para a proteção das dunas e das lagoas. "Uma secretária de um órgão municipal declarou que a prefeitura não tem condições de proteger a área. No dia seguinte, a invasão aumentou", recorda ele, dizendo que "o barracão montado pela prefeitura, que frequentemente está fechado, tem como objetivo impedir as invasões. Mas nem isso os vigilantes fazem".

Antônio Conceição acrescenta que o Grupo Nativo está sempre sozinho nas lutas e disposto a receber apoio, "mas isto só acontece com interesses políticos ou ecológicos. O deputado Pedro Irujo apareceu, prometeu ajudar e sumiu. Juca Ferreira, que foi candidato pelo Partido Verde, também prometeu bastante e quando perdeu as eleições não apareceu mais aqui", declara ele.

Muriçocas invadem Rio Vermelho

Os moradores do Parque Cruz Aguiar, no Rio Vermelho, estão em guerra com as muriçocas. A noite, a batalha se intensifica contra os insetos que, além de irritarem as pessoas com um zumbido intenso, sugam o sangue das vítimas. O problema tem afetado outros bairros da cidade, como o Uruguai, onde as reclamações são as mesmas e os remédios não fazem efeito. Com os servidores municipais em greve há mais de um mês, ninguém tem esperança de contar com a prefeitura.

A nuvem de muriçocas — expressão usada pelos moradores para mostrar a quantidade de insetos — apareceu há cerca de duas semanas. Eles não sabem qual o motivo deste aumento de muriçocas. Para os moradores do Parque Cruz Aguiar, pode ser um terreno baldio onde estão en-

tulhos, muito lixo e animais mortos do "Rio das Tripas" como é conhecido o rio localizado atrás do Parque. O calor e o lixo são também apontados por alguns moradores do Uruguai como as causas para a invasão das muriçocas nas casas. Segundo a moradora Zilda Santos da Conceição, 24 anos, os insetos parecem "vampiros".

Ataque — "Não tem remédio que resolva o problema. Quando amanhece, a janela do quarto está escura de muriçoca", afirma a moradora do Parque Cruz Aguiar, Maria Domingas da Silva, 27 anos. A vizinha, Francisca Pereira dos Santos, 49 anos, acrescenta que ninguém consegue dormir à noite. Já Floricéia Alves de Azevedo, 23 anos, conta que tenta espantar os insetos com o ven-

tilador, mas pouco adianta. "Pela manhã estou cheia de picadas do inseto e o lençol, com sangue", afirma ela, mostrando as marcas do "ataque" das muriçocas nos braços e no rosto.

O veterinário Noildo Almeida, 45 anos, não mora no Uruguai, onde mantém uma clínica. Mesmo assim, ele também sofre com as muriçocas. "Por volta das 18h, é o momento de cair fora. Senão, haja sangue", conta ele, que aponta os esgotos entupidos como a causa para tanta muriçoca. "Parece que um caminhão passou jogando remédio, mas não adiantou muito", afirmou Nilzete de Almeida Barros, 64 anos, moradora da Rua Régis Pacheco, no Uruguai. Segundo ela, quem consegue escapar dos insetos são aqueles que possuem os mosquiteiros.